

## **Práticas parentais educativas, fobia social e rendimento acadêmico em adolescentes**

### **Parental educational practices, social phobia and academic performance in adolescents**

**Inês Camacho<sup>I</sup>; Margarida Gaspar de Matos <sup>II</sup>**

<sup>I</sup> Psicóloga de Educação e Orientação Vocacional - Faculdade de Motricidade Humana/Universidade Técnica de Lisboa

<sup>II</sup> Psicóloga Clínica – Faculdade de Motricidade Humana/Universidade Técnica de Lisboa, CMDT - Centro de Malária e outras Doenças Tropicais – Laboratório Associado/ /IHMT - Instituto de Higiene e Medicina Tropical /UNL – Universidade Nova de Lisboa

[Endereço para correspondência](#)

---

#### **Resumo**

As práticas parentais educativas e a sua relação com outras variáveis, nomeadamente a fobia social e o rendimento acadêmico, tem suscitado um crescente interesse por parte de investigadores na área da psicologia, pelo facto destas variáveis serem de extrema importância, podendo condicionar a vida escolar e social das crianças e adolescentes. A presente investigação tem como objectivo estudar a relação existente entre as práticas parentais educativas, fobia social e rendimento acadêmico em adolescentes. A amostra é constituída por 285 sujeitos (146 meninas e 139 rapazes) com idades compreendidas entre os 12 e 14 anos de idade, que frequentam o 7º e 8º ano de escolaridade. Foi utilizado um Questionário de dados demográficos, o QLP-A para avaliar as práticas parentais educativas, para avaliar a fobia social foi utilizado SPAI-C foi igualmente utilizado um questionário sobre as notas obtidas em cada disciplina. Verificou-se uma maior incidência da fobia social no género feminino. Verificou-se igualmente, que os jovens a quem os pais dão autonomia e carinho, têm tendência a ter um melhor rendimento acadêmico, bem como uma menor predisposição para apresentar fobia social. Os jovens que recebem protecção por parte

dos pais têm tendência para apresentar sintomas de fobia social, e pior rendimento acadêmico.

**Palavras-chave:** Práticas parentais educativas, Fobia social, Rendimento acadêmico.

---

### **Abstract**

Parental educational practices and their implications on variables such as social phobia and academic performance are becoming increasingly interesting to researchers working in the Psychology field, due to the fact that these variables may influence the academic and social lives of children and adolescents. The aim of this research is to study the relationship between parental educational practices, social phobia and academic performance in adolescents. The study was conducted with 285 individuals (146 female and 139 male) of the 7th and 8th grades between the ages of twelve and fourteen. We used: demographic data questionnaire, QLP-A to evaluate parental educational practices, SPAI-C to evaluate social phobia. A questionnaire was also used to check for academic performance. It has been noted that there is a higher incidence of social phobia in individuals of the female gender. It has also been noted that teenagers whose parents give autonomy and care, show a tendency to have a better academic performance and also less probability of presenting social phobia. Teenagers whose parents give protection have a tendency to have social phobia and worse academic performance.

**Keywords:** Parent educational practices, Social phobia, Academic performance.

---

### **Introdução**

O relacionamento familiar, a influência dos estilos parentais e da comunicação familiar, apesar de ao longo da adolescência sofrerem alterações, continuam a desempenhar funções importantes para os adolescentes, assumindo um papel decisivo no ajustamento e desenvolvimento de competências psicossociais, na saúde mental e em comportamentos de saúde dos jovens (Ardelt & Day, 2002; Van Well, Bogt & Raaijmakers, 2002).

Porém, a forma como os pais exercem a sua função é bastante diversificada, e essas variações irão influenciar o desenvolvimento de determinadas características da criança. Os modelos de afetividade e de interação que os pais utilizam para lidarem com a criança influenciam, de modo significativo, a forma como ela aprende e se relaciona com os outros. Os modelos parentais, as expectativas e os métodos educativos determinam largamente o repertório de comportamento da criança, bem como as suas atitudes e objetivos.

A maior parte dos trabalhos referentes à educação da criança e aos seus efeitos tem procurado identificar as características pelas quais os pais diferem, significativamente, uns dos outros, características essas que têm sido relatadas como influentes nas diferenças que se verificam, a vários níveis, entre as crianças.

Estudos sobre os estilos de relacionamento parental demonstram que qualquer dos extremos educativos (pais autocráticos ou muito permissivos) pode significar dificuldades acrescidas ao jovem e causar desequilíbrios (baixa autoconfiança e filhos dependentes ou revoltados), sendo o estilo democrata de controle parental (ambientes em que os pais se interessam pela vida dos filhos discutem com eles as decisões a tomar, e existe uma definição clara de limites) o que gera nos jovens sentimentos de maior competência social, autonomia e independência (Linares, Pelegrina & Lendínez, 2002).

Darling e Steinberg (1993) definem as práticas parentais como comportamentos definidos por conteúdos específicos e objetivos de socialização (atender às funções da escola e punir fisicamente são ambos exemplos de práticas parentais). Segundo os autores, as práticas parentais podem ser melhor compreendidas se as considerarmos como operando em domínios de socialização circunscritos, tais como sucesso académico, autonomia, ou cooperação com pares. Esses autores defendem que as Práticas Parentais Educativas resultam em parte dos objectivos e valores que os pais defendem.

Surgiram outros estudos para verificar se haveria relação entre as Práticas Parentais Educativas e o género da criança, segundo os quais se constatou que a baixa autonomia concedida às meninas, por exemplo, é um dos argumentos frequentemente apresentados para explicar as diferenças de género. Os pais manifestam uma satisfação desprovida de ambigüidade face às manifestações de independência ou face às realizações dos rapazes, enquanto os mesmos comportamentos apresentados por meninas suscitam a ansiedade parental. Além disso, a super-protecção e a ajuda excessiva dada às meninas torna a sua conquista da independência mais difícil (Block, 1983).

Os primeiros estudos desenvolvidos sobre as práticas parentais educativas utilizavam entrevistas, questionários ou escalas de atitudes como forma de obter informações dos pais acerca das suas técnicas disciplinares, das suas reacções típicas, face a comportamentos específicos da criança e a valores respeitantes ao processo educativo (Maccoby & Martin, 1983). Com base nos dados obtidos dessa forma, muitos trabalhos surgiram nesse campo de especialidade.

Parker, Tupling e Brown (1979) propuseram um modelo bidimensional, o qual serviu de sustentáculo ao desenvolvimento do "*Parental Bonding Instrument*" (PBI). As duas dimensões subjacentes a esse modelo são: Carinho e Super-Protecção. A partir dessas duas dimensões, é possível retirar quatro tipos de relações parentais: controle pouco afetivo, relacionamento "frouxo" ou ausente, relacionamento ótimo e constrangimento afetivo.

Num estudo desenvolvido com adolescentes portugueses para além das dimensões carinho e protecção do modelo original, foi encontrada uma terceira, designada por autonomia (Baptista, Negrão, Lory & Carvalho, 1997). A autonomia é definida em termos cognitivos como o encorajamento para exprimir os diversos pontos de vista e

em termos comportamentais, numa participação ativa nas decisões feitas na família (Allen, Kupermic, & Moore, 1997; Collins, 1990; Steinberg, 1990).

Em estudos realizados tem-se verificado que, nas famílias em que é proporcionada autonomia aos adolescentes, estes apresentam auto-estima e baixos níveis de hostilidade e depressão (Grotevant & Cooper, 1985; Hauser et al., 1984).

Outros estudos de grande importância foram os desenvolvidos por Baumrind. Os trabalhos de Baumrind são particularmente pertinentes. Essa autora esforça-se por ligar componentes da interação familiar com a competência cognitiva. Numa série de estudos com crianças em idade pré-escolar e suas famílias (Baumrind & Black, 1967), e posteriormente em estudos com crianças mais velhas, a autora postula três modelos de interação familiar educativa - autoritativo, autoritário e permissivo.

Em outros estudos desenvolvidos nesta área, constatou-se que as práticas parentais, o envolvimento e expectativas dos pais têm um papel crucial no desempenho acadêmico dos seus filhos (Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts & Fraleigh, 1987; Griffith, 1996; Grolnick, Benjet, Kurowski, & Apostoleris, 1997).

Como vimos, a família constitui uma significativa influência sobre a criança e o adolescente, e as Práticas Parentais Educativas têm, sem dúvida, um enorme impacto sobre o seu desenvolvimento e comportamento.

Assim, as relações positivas na família, o suporte emocional e social dos pais e um estilo de disciplina parental construtivo e consistente tendem a estar relacionados com maiores índices de bem-estar e de ajustamento na adolescência (Field, Diego & Sanders, 2002; Branje, Van Aken & Van Lieshout, 2002).

Os comportamentos e estilos parentais variam e influenciam, de forma diversificada, o desenvolvimento de determinadas características da criança/adolescente, o seu desenvolvimento social, cognitivo, emocional, filiação no grupo de pares e desempenho acadêmico, podendo atuar como fator de proteção, mas também como fator de risco (Baptista, 2000).

A família poderá, pois, contribuir para o desenvolvimento, manutenção e aumento de algumas patologias na crianças ou adolescente, nomeadamente a fobia social. Assim, determinadas características do ambiente familiar têm sido referidas como relacionadas com o desenvolvimento de perturbações ansiosas (Murriss & Merckelbach, 1998; Perris, Arrindel & Eiseman, 1994; Rapee, 1997). Rossen e Schulkin (1998) referem que quer o controle parental excessivo, bem como a percepção precoce de falta de controle, induzidas por limitações na autonomia ou pelo comportamento exploratório reduzido, podem transformar os medos adaptativos em ansiedade patológica.

A fobia social tem sido considerada como a mais freqüente das perturbações ansiosas na infância e adolescência (Crozier & Alden, 2001). Segundo o DSM IV (American Psychiatric Association, 1996), a Fobia Social ou Perturbação de Ansiedade Social está inserida nas Perturbações de Ansiedade e é definida como um medo marcante e persistente de uma ou mais situações sociais ou de desempenho, em que a pessoa está exposta a desconhecidos ou à avaliação dos outros e teme demonstrar ansiedade ou agir de modo humilhante ou embaraçante. A exposição às situações sociais ou de desempenho provoca nas crianças e adolescentes, que têm esse tipo de patologia,

uma resposta ansiosa imediata, que pode ser sob a forma de ataques de pânico situacionais ou situacionalmente prováveis. Geralmente a situação social ou de desempenho é evitada, podendo, no entanto, ser enfrentada com sofrimento. O diagnóstico é apropriado apenas se o evitamento, medo ou antecipação ansiosa do confronto com a situação social ou de desempenho interferir significativamente com a vida profissional, acadêmica, social ou sexual da pessoa. O evitamento e ansiedade social transitórios são especialmente comuns na infância e, principalmente, na adolescência, período em que começa a existir um maior relacionamento com o grupo de pares. Nos sujeitos com menos de 18 anos, só os sintomas que persistem pelos menos durante seis meses é que se qualificam para o diagnóstico de Fobia Social.

Os sujeitos que apresentam esse tipo de patologia têm freqüentemente baixo aproveitamento escolar como conseqüência da ansiedade aos exames ou evitação de participação na turma, nomeadamente na exposição de trabalhos perante a turma ou responder a perguntas realizadas pelo professor, bem como evitação de contatos sociais com os colegas, podendo mesmo verificar-se recusa em ir à escola ou de situações temidas, ou a elevada reatividade fisiológica quando essas situações são enfrentadas, condicionando o rendimento e desempenho acadêmico (Prins & Hanewald, 1997; Raffety, Smith & Ptacek, 1997).

No âmbito da psicologia têm sido realizados estudos com o objectivo de perceber a relação existente entre as práticas parentais educativas e a fobia social.

Numa amostra constituída por agorafóbicos, fóbicos sociais e de um grupo de controle, em que utilizou o PBI para avaliar as práticas parentais Parker (1979, citado por Canavarro, 1999), verificou que os fóbicos sociais referiram que ambos os pais foram menos carinhosos e mais sobreprotetores.

Arrindell, Emmelkamp, Brillman e Monsma (1983) estudaram a relação existente entre as práticas parentais educativas, avaliadas pelo EMBU e três tipos de fobias (fobia social, agorafóbicos e fóbicos às alturas). Nesse estudo, os fóbicos sociais percebem que os pais lhes deram menos suporte e carinho e foram mais rejeitadores e sobreprotetores.

Um outro estudo realizado por Arrindell, Kwere, Methorst, Van der Ende e Moritz (1989) procurou examinar as diferenças das práticas parentais, avaliadas pelo EMBU, entre agorafóbicos e fóbicos sociais. Os fóbicos sociais referiram ambos os pais como rejeitadores, pouco calorosos emocionalmente e sobreprotetores.

Como se pode constatar, o papel desempenhado pelo contexto familiar no desenvolvimento da criança e adolescente é crucial e tem, sem dúvida, um enorme impacto sobre o seu desenvolvimento e comportamento, podendo afetar a interação social e desenvolvimento cognitivo.

O presente estudo teve como objectivo estudar a relação existente entre as Práticas Parentais Educativas, a fobia social e o desempenho académico em adolescentes.

## **Metodologia**

## **Amostra**

O presente estudo tem como objetivo analisar a relação existente entre as Práticas Parentais Educativas, a Fobia Social e o rendimento académico em adolescentes, tratando-se assim de um estudo correlacional.

A amostra foi recolhida em três escolas de Setúbal, num total de 12 turmas escolhidas aleatoriamente, seis do 7º ano e seis do 8º ano de escolaridade. Embora as escalas tivessem sido aplicadas a todos os alunos, foram excluídos os que tivessem mais de 14 anos, pois o SPAI-C só pode ser aplicado até aos 14 anos de idade.

Participaram neste estudo 285 sujeitos dos quais 146 (51,2%) são do género feminino e 139 (48,8%) são do género masculino. Os respondentes tinham idades compreendidas entre os 12 e 14 anos, com uma média de 12,82 anos (*d.p.*=0,71). Em termos de escolaridade, 50,5 % têm o 7º ano e 49,5% o 8º ano de escolaridade.

## **Procedimento**

Os dados, tal como já foi referido, foram recolhidos em três escolas de Setúbal.

Para que fossem aplicados os inquéritos pelo mesmo número de turmas por cada escola, escolheu-se aleatoriamente duas turmas de 7º e duas turmas de 8º ano de escolaridade de cada estabelecimento de ensino.

Depois das autorizações, aplicaram-se os inquéritos anónima, voluntária e coletivamente em cada turma.

## **Instrumentos**

Foi utilizado um questionário para a recolha de informação demográfica sobre os participantes, incluindo a idade; género; profissão e escolaridade dos pais; quantidade e idade dos irmãos; com quem vive; o tipo de casa em que habita; quantidade de quartos para dormir existentes na casa; era igualmente questionado se o adolescente tinha um quarto só para si, se sai de férias com a família e se esta possui carro.

As Práticas Parentais Educativas foram medidas através de 25 itens (sendo cada um avaliado relativamente ao pai e à mãe) do questionário de Ligação Parental - forma adolescente (QLP-A), traduzido e adaptado para a população portuguesa por Baptista et al. (1997).

Este questionário foi baseado no Parental Bonding Instrument e destina-se a jovens com idades compreendidas entre os 12 e 17 anos de idade.

O questionário é composto de frases como "Fala comigo com voz calma e amiga", "Deixa-me fazer as coisas como eu gosto" ou "Tenta controlar tudo o que eu faço".

O QLP-A apresenta uma estrutura distinta da escala original, Parental Bonding Instrument. Os seus autores (Parker, Tupling & Brown, 1979) identificaram apenas 2 factores, Carinho e Protecção, os quais eram avaliados por 25 itens. Após ser realizada a validação da escala (Baptista et al., 1997) onde esses itens foram sujeitos a uma análise fatorial, os itens 8 e 25 (pertencentes à escala protecção) foram retirados (por apresentarem sempre peso inferior a 0.30 em todos os factores) e encontradas três dimensões que avaliam as percepções dos sujeitos face às práticas parentais educativas: I - Carinho; II- Autonomia e III - Protecção. Essas três dimensões explicam 56.3% e 52.3% da variância total do modelo, respectivamente para as notas do pai e da mãe. A dimensão carinho é constituída por 12 itens que sugerem: afeto, empatia e proximidade.

A dimensão autonomia é constituída por 5 itens que sugerem promoção de independência e autonomia. A dimensão protecção é constituída por 6 itens que sugerem controle, super-protecção, intrusão, contato excessivo, infantilização e prevenção do comportamento independente.

Cada item é avaliado separadamente para o pai e para a mãe, numa escala de 4 pontos, que varia entre 0 (nada parecido) e 3 (muito parecido).

No que respeita às qualidades psicométricas, e tomando como referência o estudo realizado por Baptista et al. (1997), nota-se que o questionário apresenta uma boa homogeneidade dos itens (as correlações item-total apresentam valores aceitáveis: na escala carinho variam de 0.63 a 0.75 para o pai e de 0.54 a 0.73 para a mãe; na escala autonomia variam de 0.58 a 0.67 para o pai e de 0.35 a 0.60 para a mãe; na escala protecção variam de 0.37 a 0.61 para o pai e de 0.34 a 0.58 para a mãe), o que demonstra que a sua garantia em fornecer resultados precisos é elevada.

A Fobia Social foi medida através de 26 itens do Inventário de Ansiedade e Fobia Social para crianças (SPAI-C) (Beidel, Turner & Morris, 1998), traduzido e adaptado por Batista et al. (1997). O inventário é aplicável a crianças com idades compreendidas entre os 8 e 14 anos de idade.

O inventário é composto de frases como "sinto-me assustado quando tenho que falar ou ler em frente de um grupo de pessoas" ou "sinto-me assustado quando me encontro pela primeira vez com jovens da minha idade". A resposta aos itens do SPAI-C é dada numa escala de 3 pontos, que varia entre 1 (nunca ou quase nunca) e 3 (sempre ou quase sempre), isto no que diz respeito à escala que foi traduzida para Português. Na escala original, a pontuação varia entre 0 (nunca ou quase nunca) e 2 (sempre ou quase sempre). Para coincidirem as duas escalas, a cotação de todos os itens foi recodificada.

O resultado da escala é dado pela seguinte fórmula:  $(A1+A2+A3):3 + (B1+B2) + (C:4) + (D:5)$ , em que as maiúsculas correspondem a somatórios de itens. Os sujeitos que obtiverem valores superiores a 18 são considerados Fóbicos Sociais. Essa medida tem uma boa consistência interna, apresentando alfas de Cronbach de .95.

Para medir o rendimento escolar, aplicou-se um inquérito em que eram questionadas as notas obtidas no 1º período do ano letivo 2002/2003. Era igualmente questionado se as notas estavam ou não dentro das suas capacidades e porquê.

## Resultados

A introdução dos dados e os procedimentos estatísticos foram efectuados através do *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS 11.5) para o Windows.

A amostra é constituída por 285 sujeitos, dos quais 146 (51,2%) são do género feminino e 139 (48,8%) são do género masculino. Os respondentes tinham idades compreendidas entre os 12 e 14 anos, com uma média de 12,8 anos ( $d.p.=0,71$ ). Em termos de escolaridade, 50,5 % têm o 7º ano e 49,5%, o 8º ano de escolaridade.

Dos adolescentes que participaram no estudo, 222 (77,9%) mostraram não apresentar fobia social, dos quais 99 são do género feminino e 123 do género masculino, os restantes 63 participantes revelaram ter fobia social, dos quais 47 são do género feminino e 16, do género masculino. Segundo Beidel, Turner e Morris (1998), como já foi referido anteriormente, os sujeitos que tiverem uma cotação no SPAI-C inferior a 18 não têm ansiedade social, se, pelo contrário, os respondentes apresentarem valores superiores a 18, podem ser diagnosticados como fóbicos sociais.

No que diz respeito à fobia social, verificou-se a existência de diferenças significativas em função do género ( $t=4.61$ ;  $p< 0,001$ ;  $g/= 271,9$ ): as meninas apresentam níveis de fobia social maiores ( $M= 14,56$ ;  $d.p= 8,30$ ) comparativamente com os rapazes ( $M= 10,51$ ;  $d.p= 6,43$ ). Apenas no caso da fobia social, a dimensão desta diferença (*effect size*) é forte (  $ES = 0.54$ ).

Com o objectivo de se verificar as associações existentes entre as Práticas Parentais Educativas, a Fobia Social e o rendimento académico (categorizados de 1 a 3), calculou-se o coeficiente de Correlação de Pearson, para a amostra total que pode ser observada na tabela 1.



**Tabela 1:** Associação entre as práticas parentais educativas, fobia social e rendimento acadêmico

	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Carinho pai	-							
2. Carinho mãe	,534**	-						
3. Autonomia pai	,586**	,367**	-					
4. Autonomia mãe	,206**	,507**	,608**	-				
5. Proteção pai	,022	-,013	-,121*	-,085	-			
6. Proteção mãe	-,119*	-,043	-,143*	-,153**	,725**	-		
7. Fobia Social	-,188**	-,084	-,283**	-,240**	,199**	,228**	-	
8. Rendimento acadêmico	,237**	,212**	,159**	,034	-,054	-,121*	-,082	-

Verificou-se uma associação positiva baixa entre a Ansiedade Social e as sub-escalas Proteção pai ( $r=0,199$ ;  $N=285$ ;  $p<0,01$ ) e Proteção mãe ( $r=0,228$ ;  $N=285$ ;  $p<0,01$ ) e uma associação negativa baixa entre a Fobia Social e as sub-escalas Carinho pai ( $r=-0,188$ ;  $N=285$ ;  $p<0,01$ ), Autonomia pai ( $r=-0,283$ ;  $N=285$ ;  $p<0,01$ ) e com a Autonomia mãe ( $r=-0,240$ ;  $N=285$ ;  $p<0,01$ ). Quanto maiores os níveis de proteção dados pelo pai e mãe, maiores os índices de fobia, e, quanto maiores forem os níveis de carinho dado pelo pai e autonomia dada pelo pai e mãe, menores são os índices de fobia social.

Há uma associação positiva baixa entre o rendimento acadêmico e as sub-escalas Carinho pai ( $r=0,237$ ;  $N=285$ ;  $p<0,01$ ), Carinho mãe ( $r=0,212$ ;  $N=285$ ;  $p<0,01$ ) e com Autonomia pai ( $r=0,159$ ;  $N=285$ ;  $p<0,01$ ), e uma associação negativa baixa entre o rendimento acadêmico e a sub-escala Proteção mãe ( $r=-0,121$ ;  $N=285$ ;  $p<0,05$ ): quanto mais carinho for dado pelo pai e pela mãe, e, quanto maior for a autonomia dada por parte do pai, melhor será o rendimento acadêmico. Quanto maior for a proteção dada pela mãe, pior será o rendimento acadêmico.

Não se encontrou relação entre o rendimento acadêmico e a fobia social ( $r=-0,082$ ;  $N=285$ ;  $p>0,05$ ).

Ao realizar uma regressão logística (método *Enter*) (valores que podem ser observados na Tabela 2), fazendo inserir as variáveis idade, gênero, carinho pai e mãe, autonomia pai e mãe, proteção pai e mãe e rendimento acadêmico (categorizado de 1 a 3), tomando como variável dependente a fobia social (categorizada em 0- valores inferiores a 18 e 1- valores superiores a 18), verificou-se que as variáveis gênero ( $OR=4,97$ ;  $95\%IC(2,46-10,08)$ ;  $p<0,001$ ), carinho mãe ( $OR=1,10$ ;  $95\%IC(1,02-1,19)$ ;  $p<0,05$ ), autonomia mãe ( $OR=0,80$ ;  $95\%IC(0,67-0,95)$ ;  $p<0,05$ ) e

rendimento médio ( $OR = 12,24$ ;  $95\%IC (1,35-110,78)$ ;  $p < 0,05$ ) são predictoras da fobia social.

**Tabela 2:** Modelo Explicativo da Fobia Social - Regressão logística

	$\beta$	SE	95% IC	OR
<b>Idade</b>	-0,26	0,25	(0,48-1,25)	0,775
<b>Género</b>	—	—	Referente	1
<b>Género(1)</b>	1,60***	0,36	(2,46-10,08)	4,97
<b>Carinho pai</b>	-0,04	0,03	(0,90-1,02)	0,96
<b>Carinho mãe</b>	0,09*	0,04	(1,02-1,19)	1,10
<b>Autonomia pai</b>	-0,05	0,09	(0,81-1,13)	0,95
<b>Autonomia mãe</b>	-0,22*	0,09	(0,67-0,95)	0,80
<b>Proteção pai</b>	0,12	0,07	(0,98-1,28)	1,12
<b>Proteção mãe</b>	-0,03	0,06	(0,86-1,10)	0,97
<b>Rendimento</b>	—	—	Referente	1
<b>Rendimento(1)</b>	2,51*	1,12	(1,35-110,78)	12,24
<b>Rendimento(2)</b>	2,11	1,10	(0,96-70,77)	8,23

## Discussão

Esta investigação teve como objetivo estudar a relação existente entre as práticas parentais educativas, fobia social e rendimento académico em adolescentes.

Verificou-se, neste estudo, que dos 285 adolescentes que participaram, 222 revelaram não mostrar sintomas de fobia social, ao contrário dos restantes 63 participantes (47 são do género feminino e 16 do género masculino). O número de meninas com fobia social é muito superior ao dos rapazes. Assim, num estudo desenvolvido nesta área, nomeadamente o estudo desenvolvido por Essau, Peterman e Conradt (1999), constatou-se que a percentagem de meninas diagnosticadas com fobia social é superior à dos rapazes. Num outro estudo desenvolvido por Beidel (1991), 70% das meninas foram diagnosticadas com fobia social. Chapman, Mannuzza e Fyer, em 1995, verificaram, tal como os estudos anteriores, que a percentagem de meninas com fobia social é superior à dos rapazes.

Relativamente à relação existente entre as práticas parentais educativas, fobia social e rendimento académico, podemos constatar a existência de associações estatisticamente significativas na amostra total, entre a fobia social e as dimensões proteção pai e proteção mãe, e uma associação negativa baixa entre a fobia social e as dimensões carinho pai, autonomia pai e mãe, ou seja, quanto maiores os níveis de proteção dados pelo pai e mãe, maiores os índices de fobia social, e, quanto maiores

forem os índices de carinho dado pelo pai e autonomia dada pelo pai e mãe, menores são os índices de fobia social. Esses resultados estão de acordo com os estudos desenvolvidos nessa área, nomeadamente o estudo realizado por Parker (1979), utilizando o PBI, em que os fóbicos sociais referiam os seus pais como menos carinhosos e mais sobreprotetores. Numa outra investigação realizada por Arrindell et al (1989), os resultados foram semelhantes, ou seja, os fóbicos sociais referiram os pais como rejeitadores, pouco calorosos emocionalmente e sobreprotetores. Outro estudo revelou que o carinho dado pelos pais está directamente associado ao relacionamento social dos seus filhos com os seus pares (Attili, 1989).

Rapee (1997) refere no seu estudo que existe uma relação direta entre o controle exercido pelos pais e o aparecimento da fobia social nas crianças.

No presente estudo, foram também encontradas associações estatisticamente significativas entre o rendimento académico e as dimensões carinho pai e mãe e autonomia pai e uma associação negativa entre o rendimento académico e a dimensão proteção mãe, ou seja, quanto mais carinho for dado pelo pai e pela mãe, e, quanto maior for a autonomia dada por parte do pai, melhor será o rendimento académico.

As práticas parentais educativas demonstraram ter um grande impacto no desempenho académico em crianças e adolescentes (Griffith, 1996; Grolnick et al., 1997). Noutros estudos desenvolvidos, os resultados foram semelhantes, onde se constatou que a qualidade da relação entre mãe e filho está directamente associada ao desempenho académico, hábitos de trabalho e tolerância à frustração (Arbuckle & MacKinnon, 1988; Pianta, Nimetz & Bennett, 1997; Taylor, Hinton & Wilson, 1995).

Tem sido demonstrado em vários estudos que o estilo autoritativo, que, tal como foi referido anteriormente, envolve carinho e autonomia, está positivamente associado com o bom rendimento académico, elevadas aspirações educativas, com mais sentimentos positivos relativamente à escola, mais tempo dispensado nos trabalhos de casa e auto-percepções académicas mais positivas (Baumrind, 1991; Dornbusch et al, 1987; Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbusch, 1991; Paulson, 1994; Steinberg, Elmen & Mounts, 1989; Steinberg, 1990).

Na regressão logística, verificou-se que as variáveis género, carinho mãe e rendimento médio são preditoras da fobia social.

Uma das limitações verificada no decorrer deste estudo foi a inexistência de estudos documentados em que fosse estudada a relação existente entre as práticas parentais, fobia social e rendimento académico.

Para futuros estudos seria importante avaliar, além das variáveis desta investigação, as expectativas que os pais têm relativamente aos seus filhos, quer a nível de relacionamento social, como no desempenho académico.

Os dados obtidos sugerem ser de máxima importância à intervenção do psicólogo, com o objetivo de uma maior divulgação dos sintomas da fobia social, a implementação de programas de sensibilização e ações de formação e técnicos de saúde, pais e professores, ajudando-os a identificar e lidar com os problemas emocionais da criança e do adolescente, bem como o desenvolvimento de competências.

## Referências Bibliográfica

Allen, J.; Kuperminc, G. & Moore, C. (1997). *Developmental approaches to understanding adolescent deviance. Developmental psychopathology: Perspectives on risk and disorder*. Cambridge: Cambridge: University Press.

American Psychiatric Association. (1996). *DSM-IV*. Lisboa: Climepsi Editores.

Arbuckle, B. & Mackinnon, C. (1988). A conceptual model of the determinants of children's academic achievement. *Child Study Journal*, 18, 121-142.

Ardelt, M. & Day, L. (2002). Parents, siblings, and peers: close social relationships and adolescent desviance. *Journal of Early Adolescence*, 22 (3), 310-349.

Arrindell, W.; Emmelkamp, P.; Brilman, E. & Monsma, A. (1983). Psychiatric evaluation of an inventory for assessment of parental rearing practices. *Acta Psychiatrica Scandinava*, 67, 163-177.

Arrindell, W.; Kwere, M.; Methorst, G.; Van Der Ende, J. & Moritz, J. (1989). Perceived parental rearing styles of agoraphobic and socially phobic in-patients. *British Journal of Psychiatry*, 155, 526-535.

Attili, G. (1989). Social competence versus emotional security: The link between home relationships and behavior problems at school. Em: B. Schneier; G. Attili & J. Nadel (Orgs.) *Social competence in developmental perspective*. (pp.293-311) London: Kluwer.

Baptista, A.; Negrão A.; Lory & Carvalho, D. (1997). Práticas parentais educativas na adolescência. Desenvolvimento e validação do questionário de ligação parental – forma adolescente QLP-A. Questionário de ligações parentais forma adolescente. *Avaliação Psicológica: Formas e contextos* (4),157-168.

Baptista, A. (2000). Perturbações do medo e da ansiedade: uma perspectiva evolutiva e desenvolvimental. Em: I. Soares (Org.) *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajectórias Adaptativas ao longo da vida* (pp.88-141). Lisboa: Quarteto Editora.

Baumrind, D. & Black, A. E. (1967). Socialization Practices associated with dimensions of competence in preschool boys and girls. *Child development*, 38, 291-327.

Baumrind, D. (1991). " Parenting styles and adolescent development". Em: J. Brooks-Gunn; R. Lerner & A. C. Petersen (Orgs.) *The Encyclopedia on Adolescence* (pp. 746-758). New York: Garland.

Beidel, D. (1991). Social phobia and overanxious disorder in school-age children. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 30, 545-552.

Beidel, D. C.; Turner, S. M. & Morris, T. L. (1998). *SPAI-C. Social Phobia & anxiety Inventory for Children*. Canada: MHS.

Block, J. (1983). Differential premises arising from differential socialization of the sexes. *Child Development*, 54, 1335-1354.

Branje, S.; Van Aken, M. & Van Lieshout, C. (2002). Relational support in families with adolescents. *Journal of Family Psychology*, 16 (3), 351-362.

Canavarro, M. (1999). *Relações afetivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.

Chapman, T.; Mannuzza, S. & Fyer, A. (1995). Epidemiology and family studies of social phobia. Em: M. Heimberg; D. Liebowitz; D. Hope & F. Schneier (Orgs.) *Social Phobia: Diagnosis, Assessment and Treatment* (pp.21-39). New York: Guilford.

Collins, W. (1990). Parent-child relationships in the transition to adolescence: continuity and change in interaction, affect, and cognition. Em: R. Montemayor; G. Adams & T. Gullotta (Orgs.) *From childhood to adolescence: a transitional period? Advances in adolescent development* (Vol.2, pp.85-106). Newbury Park, Ca: Sage.

Crozier, W & Alden, L. (2001). *International handbook of social Anxiety. Concepts, research and interventions relating to the self and shyness*. England: Willey

Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496.

Dornbusch, S. M.; Ritter, P. L.; Leiderman, P. H.; Roberts, D. F. & Fraleigh, M. (1987). The relation of parenting style to adolescent school performance. *Child Development*, 58, 1244-1257.

Essau, C.; Petermann, F. & Conradt, J. (1999). Frequency and comorbidity of social phobia and social fears in adolescents. *Behaviour Research and Therapy*, 37, 831-843.

Field, T.; Diego, M. & Sanders, C. (2002). Adolescents' parents and peer relationship. *Adolescence*, 37 (145), 121-129.

Griffith, J. (1996). Relation of parental involvement, empowerment, and school traits to student academic performance. *Journal of Educational Research*, 90, 33-41.

Grolnick, W.; Benjet, C.; Kurowski, C. & Apostoleris, N. (1997). Predictors of parent involvement in children's schooling. *Journal of Educational Psychology*, 89, 538-548.

Grotevant, H. & Cooper, C. (1985). Patterns of interaction in family relationships and the development of identity exploration in adolescence. *Child Developmental*, 56, 415-428.

Hauser, S.; Powers, S.; Noam, G.; Jacobson, A.; Weiss, B. & Follansbee, D. (1984). Familial contexts of adolescent ego development. *Child Development*, 55, 195-213.

Lamborn, S.; Mounts, N.; Steinberg, L. & Dornbusch, S. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful homes. *Child Development*, 62, 1049-1065.

Linares, M.; Pelegrina, S. & Lendínez, J. (2002). Los estilos educativos de los padres y la competencia psicosocial de los adolescents. *Anuário de Psicologia*, 33 (1),79-94.

Maccoby, E. E. & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em: P. H. Mussen & E. M. Hetherington (Orgs.) *Handbook of child psychology, socialization, personality, and social development* (pp.1-101). New York: Wiley.

Morris P. & Merckelbach, H. (1998). Parental rearing behaviour and anxiety symptoms in normal children. *Personality and Individual Differences*, 25, 1199-1206.

Parker, G. (1979). Reported parental characteristics of agoraphobics and social phobics. *British Journal of Psychiatry*, 135, 555-560.

Parker, G.; Tupling, H. & Brown (1979). A parental bonding instrument. *British Journal of Psychiatry*, 52, 1-11.

Paulson, S. E. (1994). Relations of parenting style and parental involvement with ninth-grade students' achievement. *Journal of Early Adolescence*, 14(2), 250-267.

Perris, C.; Arrindel, W. & Eiseman, M. (1994). *Parenting and psychopathology*. New York: Wiley.

Pianta, R.; Nimetz, S. & Bennett, E. (1997). Mother- child relationships, teacher-child relationships, and school outcomes in preschool and kindergarten. *Early Childhood Quarterly*, 12, 263-280.

Prins, P. & Hanewald, G. (1997). Self- statements of test-anxious children: thought-listing and questionnaire. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65, 440-447.

Raffety, B.; Smith, R. & Placek, T. (1997). Facilitating and debilitating trait anxiety, situational anxiety, and coping with an anticipated stressor: a process analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72, 892-906.

Rapee, R. (1997). Potential role of child rearing practices in the development of anxiety and depression. *Clinical Psychology Review*, 17, 47-67.

Rosen, J. & Schulkin, J. (1998). From normal fear to pathological anxiety. *Psychological Review*, 105, 325-350.

Steinberg, L.; Elmen, J. & Mouts, N. (1989). Authoritative parenting, psychosocial maturity, and academic success among adolescents. *Child Development*, 60, 1424-1436.

Steinberg, L. (1990). *Autonomy, conflict, and harmony in the family relationship. The Developing Adolescent*. Cambridge: Harvard University Press.

Taylor, L.; Hinton, I. & Wilson, M. (1995). Parental influences on academic performance in African - American students. *Journal of Child and Family Studies*, 4, 293-302.

Van Well, F.; Bogt, T. & Raaijmakers, Q. (2002). Changes in the parental bond and the well-being of adolescents and young adults. *Adolescence*, 37 (146), 317-333.

[Endereço para correspondência](#)

Inês Camacho: Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.  
Estrada da Costa, 1495-688. Cruz Quebrada, Lisboa.

E-mail: [icamacho@fmh.utl.pt](mailto:icamacho@fmh.utl.pt).

Recebido em: 26/07/2007

Aceito em: 05/11/2007